

Considerando a reportagem **“A escola home office não deu certo”**, publicada em www1.folha.uol.com.br, em 17 de maio de 2020, às 23:15, indagando que pais e mães das classes mais ricas têm relatado pesadelo com ensino online. Faz a alusão à fala do ex-presidente executivo do Google Eric Schmidt “um experimento massivo de aprendizado remoto”. Em suas palavras, “Bem, esse experimento deu errado”.

Resgate-se inicialmente que tratar o “aprendizado remoto”, como “experimento” foge da intencionalidade pretendida devido à situação de distanciamento social em decorrência da publicação da PORTARIA Nº 337, DE 24 DE MARÇO DE 2020, que dispôs a acerca de medidas para o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus, COVID-19, no âmbito do Sistema Único de Assistência Social. Adicionalmente, o Ministério da Educação (MEC) autorizou a substituição de disciplinas presenciais por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação em cursos que estão em andamento. A medida foi publicada na edição desta quarta-feira, 18 de março, do Diário Oficial da União (DOU). Todavia, essas medidas para educação básica ou superior são deliberadas no âmbito do Comitê, composto pelo Consed, Undime, Conif e Andifes.

Não se pode confundir “ensino remoto”, que tem a finalidade emergencial, com “educação a distância (EaD)” advinda no Brasil desde século 20. Diferentemente da EaD, a aplicação pedagógica no “ensino remoto” deverá ter intencionalidade cuidadosa com exploração de estratégias diversificadas, a fim de se alcançar aquele grupo que, porventura, já estava excluído em tempo de “normalidade”, por práticas da modalidade presencial.

Seria injusto desprezar que houve imenso esforço e inúmeras tentativas dos professores para manter o ensino presente e ativo na vida dos alunos. Todavia, para se utilizar tecnologias educacionais para ensinar e aprender requerem, para além da criatividade, conhecimentos, habilidades, atitudes e cooperação/colaboração.

Este enfrentamento cansativo e criticado que o autor aponta, reforça ainda mais a urgente ausência de formação de professores que o Brasil apresenta, assim como a falta de conhecimento da modalidade EaD que ainda não se despertou para explorar, testar, valorizar e aplicar no âmbito educacional.

Como forma de expandir a aprendizagem tanto para aqueles alunos que apresentam mais velocidade no seu ritmo de aprendizagem, quanto para alunos que apresentam dificuldades e possam rever aulas e conteúdos quantas vezes forem necessário, a educação a distância unida ao ensino presencial, de forma híbrida, é o modelo que especialistas da EaD acreditam para o futuro da educação.

A saída desenfreada das escolas, falta de conhecimento das vantagens da educação a distância, a falta de estratégias metodológicas para o modelo online e a pressa para que a educação não fosse interrompida devido a pandemia, basearam-se principalmente na reprodução do modelo presencial tradicional. Este enorme equívoco desencadeou as críticas e estresse dos pais e de alguns educadores (que desconhecem as potencialidades da EaD) ao se precipitarem nos argumentos de que a EaD deu errado.

O uso dos Meios e TICs nas atividades, emergencialmente, remotas não devem ter as mesmas intensidades das aplicadas, normalmente, em cursos/formações já consagrados na EaD, mas, serem inspiradores nesse momento de confinamento e distanciamento social.

É fato que descobriu-se uma enorme lacuna e problemas de infraestrutura tecnológica no Brasil devido a pandemia. Entretanto, as escolas que se preocuparam em evitar um exacerbado acesso a internet, e que buscaram modelos metodológicos para se adequar ao ensino remoto, levando em consideração as limitações de alunos com dificuldades de aprendizagem, deficiência física, mental ou motora, buscaram ajuda prévia para se reinventar.

As atividades propostas por escolas públicas ou privadas que, exploraram a autonomia do aluno, o ritmo das novas rotinas ou limitações familiares, incentivando inclusive, que as famílias entendam a importância de se explorar outros tipos de aprendizado, além de avançar simplesmente em conteúdos, poderão apresentar excelentes cases de sucesso.

Afirmar que a escola deve insistir no seu modelo tradicional para depois começar a pensar em relação a conectividade (aos poucos), é outro maior equívoco. Acredita-se que o caminho seja investir pesadamente no modelo de escola que incentive inovações e transformações digitais, explorando as metodologias ativas, inovadoras e online como proposta metodológica eficiente e motivadora.

Profa. Dra. Lana Paula Crivelaro Monteiro de Almeida
Prof. Dr. Welinton Baxto da Silva
Diretores da ABED

SOBRE A ABED

A Associação Brasileira de Educação a Distância – ABED, sociedade científica sem fins lucrativos, religiosos ou político-partidários, não tem caráter sindical ou classista ou governamental. Tem sua Diretoria eleita diretamente e periodicamente em eleições livres e democráticas, e tem sua missão voltada ao desenvolvimento da educação aberta, flexível e a distância.

Fundada em 1995 por um grupo de especialistas em educação moderada por tecnologia, a ABED tem 14.116 associados em educação formal e informal, níveis de ensino superior, ensino técnico profissionalizante, ensino médio e educação básica. A ABED é membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SPBC (desde 1998), do International Council of Distance Education – ICDE (sede em Oslo, Noruega) e do Open Education Consortium - OEC (sede em Boston, EUA); atua ainda em cooperação técnica com as seguintes organizações internacionais: Organização dos Estados Americanos – OEA, Asociación Red de Educación Continua de Latinoamérica y Europa – RECLA, European Distance and E-Learning Network – EDEN, Fundação CECIERJ/Consórcio CEDERJ, FENEP, CONFENEN e SBC.

A ABED publica com regularidade a Revista Brasileira de Educação Aberta e a Distância – RBAAD, revista científica da comunidade brasileira de EAD, e o CensoEaD.br, relatório analítico da educação a distância no Brasil; e realiza anualmente o CIAED (Congresso Internacional ABED de EAD - 26ª edição em 2020), o SENAED (Seminário Nacional ABED de EAD - 16ª edição em 2020) e a JOVAED (Jornada Virtual ABED de EAD - evento 100% virtual, desde 2011).

As publicações e eventos da ABED estabeleceram uma tradição na discussão dos aspectos relacionados à educação aberta, flexível e a distância no Brasil. Os esforços da Associação, como sociedade científica para encorajar o estudo das teorias e a prática de pesquisa, na busca da excelência em educação a distância e da ética nas relações entre instituições, docentes e discentes, resultaram na eleição da ABED pela comunidade de EAD como o fórum principal para a discussão e apresentação de pesquisas relacionadas à área